



IMPORTÂNCIA DO MONITORAMENTO NEURAL NOS CUIDADOS INTENSIVOS, AFIM DE RASTREAR DESCARGAS ELIPTIFORMES INTERICTAIS

GIORGIA TARUHN RIBAS

Introdução: Alterações neurológicas frequentemente observadas em cuidados intensivos incluem encefalopatias, lesões cerebrais e traumatismos cranianos, entre outros. Pacientes acometidos por essas condições apresentam maior probabilidade de desenvolver descargas epileptiformes interictais, padrões anormais de atividade elétrica cerebral que simulam crises convulsivas, mas que não podem ser diagnosticadas clinicamente sem monitoramento neural contínuo. Essas descargas, frequentemente identificadas em pacientes sem histórico prévio de epilepsia ou crises convulsivas, apresentam alta prevalência e são de difícil detecção clínica. Assim, é imprescindível o uso de monitoramento neural contínuo em pacientes com fatores de risco associados, considerando a importância do histórico de crises, frequência e duração das mesmas para um diagnóstico preciso. **Objetivo:** O objetivo do estudo é destacar a relevância do monitoramento neurológico contínuo em cuidados intensivos para identificar alterações neurológicas não detectáveis clinicamente, especialmente em casos em que os pacientes não apresentam histórico prévio de alterações neurológicas. **Metodologia:** A metodologia baseou-se em uma revisão de literatura dos estudos recentes publicados no Journal of Neurotrauma, da National Neurotrauma Society, abordando a eficácia da monitoração neural contínua na previsão de desfechos em pacientes com lesão cerebral traumática, junto ao estudo de Coorte de 2023, publicado na Lancet Neurology, que investigou a incidência de convulsões em pacientes críticos e os fatores de risco associados, reforçando a necessidade de vigilância neurológica intensificada. **Resultados:** Aproximadamente 50% dos pacientes com descargas epileptiformes interictais apresentam histórico prévio de epilepsia, na população geral, a prevalência dessas descargas varia entre 5% e 10%, associando-se frequentemente a condições como encefalopatias, lesões cerebrais e histórico de traumatismo craniano. A dificuldade do diagnóstico clínico deve-se ao fato de que a presença de descargas epileptiformes não implica necessariamente na ocorrência de crises epiléticas, sendo necessários exames como eletroencefalograma (EEG) e a neuroimagem com Ressonância Magnética, associado ao histórico médico do paciente. **Conclusão:** A implementação de um protocolo de monitoramento neural contínuo pode facilitar a identificação de alterações neurológicas, como as descargas epileptiformes interictais, permitindo intervenções terapêuticas oportunas e potencialmente melhorando os desfechos clínicos.

Palavras-chave: **TRAUMATISMO; CEREBRAL; EPILEPSIA**